

TRAVESSIAS ISSN-1982-5935

VOL.10 N.02.24 ED. 2015

O CONCEITO DE *MÍMESIS* SEGUNDO PLATÃO E ARISTÓTELES: BREVE
CONSIDERAÇÕES

Andressa Cristina Voigt¹
Cinthia Elizabet Otto Rolla²
Claudiana Soerensen³

RESUMO: Partindo das análises do livro X da obra *A República*, de Platão, e da *Poética*, de Aristóteles, investigaremos a concepção de ambos os filósofos sobre a poesia épica, com o intuito de demarcar um ponto capital que separa as duas perspectivas: o conceito de *mimesis*. Para Platão, a poesia épica é vista negativamente por se encontrar a três graus de distância do verdadeiro, se caracterizando enquanto *mimesis* dos fenômenos sensíveis, ao passo que os fenômenos já são considerados *mimesis* das ideias eternas. Aristóteles também define a poesia épica como *mimesis*, mas em um sentido positivo, pois ela tem o poder de enriquecer os fenômenos sensíveis. Assim, o objetivo deste trabalho é investigar o papel da poesia épica em ambos os filósofos, compreendendo e estabelecendo as suas divergências.

PALAVRAS-CHAVE: Platão; Aristóteles; Poesia épica; *Mimesis*

Por aí se revelam as afinidades da poesia, como mimética, com o mundo multiforme e variegado do devir e com essa parte inferior da alma, sempre instável e mutante, que, em nós é um lugar dos desejos e das paixões. (Jean-Pierre Vernant)

No presente trabalho, nos deteremos em dois textos chaves de dois grandes pensadores da filosofia clássica: o livro X da obra *A República*, de Platão, e a *Poética*, de Aristóteles. Ao investigarmos estes escritos, pretendemos, em linhas gerais, compreender a concepção de ambos

¹ Acadêmica do curso de Letras da UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, câmpus Cascavel. Contato: andressa_voigt@hotmail.com

² Formada em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, câmpus Cascavel; e em Estudos Portugueses pela Universidade de Lisboa, Portugal Contato: cinthia.otto@hotmail.com

³ Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Paraná. Contato claudianasoerensen@gmail.com

TRAVESSIAS ISSN-1982-5935

VOL.10 N.02. 24 ED. 2015

os filósofos sobre a poesia épica para, em seguida, detectar as principais diferenças entre as análises. Por questão didática, seguiremos a ordem cronológica dos textos: primeiro analisaremos a concepção platônica da poesia épica para, a seguir, nos determos na concepção aristotélica. É importante salientar, todavia, que as considerações são breves e têm o intuito de, apenas, ressaltar as principais diferenças que separam as concepções de Platão e Aristóteles. O conceito de *mimeses* nestes dois filósofos é amplamente retomado e reinterpretado de maneira diversa, sobretudo, no que tange a representação literária – e das demais artes.

A concepção platônica de poesia épica

Platão concebe a poesia épica, assim como outras manifestações artísticas, de maneira depreciativa. Mas tal problemática sempre deve ser vista a partir de um vínculo direto com a temática metafísica e dialética que permeia todos os diálogos platônicos. Isto quer dizer que, desvinculando a maneira pela qual o filósofo grego concebe a arte de sua postulação metafísica e do método dialético, não é possível tornar plausível a compreensão platônica das obras de Homero e Hesíodo, assim como da tragédia e até mesmo das artes plásticas em geral.

Levando em conta estas considerações, Platão, ao definir a essência, a função e o valor da poesia épica, está sempre preocupado em estabelecer o valor de verdade que esta possui, contrapondo-a com a filosofia, que seria a melhor maneira de alcançar o verdadeiro. Deste modo, o filósofo grego analisa primeiramente a poesia épica na sua aproximação com o verdadeiro, para, em seguida, detectar se ela consegue tornar o homem melhor, com o intuito de diagnosticar se ela possui algo de educativo ou não.

Partindo de uma análise do livro X de *A República*, diálogo no qual Platão, a partir do discurso de Sócrates, investiga a noção de justiça, acarretando, no desenvolver da obra, na necessidade da construção filosófica de um Estado ideal, o filósofo grego assume uma postura totalmente negativa sobre os apontamentos levantados no parágrafo anterior: a poesia épica não desvela e nem se aproxima do verdadeiro, mas o oculta, porque ela não possui o poder de

TRAVESSIAS ISSN-1982-5935

VOL.10 N.02.24 ED. 2015

conhecimento. Consequentemente, ela não melhora o homem, mas o corrompe porque é “mentirosa”, ela também não o educa, antes, deseduca devido ao fato de não dirigir-se à racionalidade, mas só a faculdades irracionais da alma, que Platão define filosoficamente como hierarquicamente inferior⁴.

No geral, o livro X d’*A República*, classifica todas as expressões artísticas, do ponto de vista filosófico, uma *mimesis*, isto é, uma imitação das coisas e fatos captados através dos sentidos. Assim, a poesia épica descreve o gênero humano e os mais diversos acontecimentos referentes a ele, procurando sempre reproduzi-los por meio de palavras. Tendo em vista a metafísica platônica, todas as coisas que pertencem ao âmbito sensível são imagens, um reflexo do paradigma eterno do *eidos*, ou seja, das “Ideias”, das formas eternas e imutáveis que pertencem ao âmbito do inteligível. Logo, tudo que os sentidos captam não são as essências das coisas, o ser “verdadeiro”, mas apenas “imitação” deste ser verdadeiro. Jean-Pierre Vernant (2010, p. 56) pontua que

essa formulação explícita da ligação de ‘semblância’, efetuada por toda espécie de imitação, põe em primeiro plano o problema do que são, tanto eles mesmos como um em relação ao outro, a cópia e o modelo. A questão explicitadamente levantada é, portanto, a da natureza do ‘parecer’, a da essência da ‘semblância’.

Por conseguinte, se a poesia épica é imitação das coisas sensíveis, conclui-se que ela acaba sendo uma *mimesis* das coisas captadas pelos sentidos que são também uma *mimesis* do *eidos*. A poesia épica, portanto, acaba sendo caracterizada, dentro do pensamento platônico, como uma imitação de uma imitação, dito de outro modo, uma cópia que acaba reproduzindo outra cópia, encontrando-se mais distante do verdadeiro do que os objetos sensíveis. Se as coisas captadas

⁴ A poesia épica também foi abordada por Platão em outros diálogos escritos, segundo muitos comentadores, antes de *A República*, como o *Íon* e o *Fedro*. E em ambos os textos Platão também assume um caráter depreciativo diante da poesia, como relata Reale: “Nos primeiros escritos (...) o poeta nunca é tal por ciência ou por conhecimento, mas por intuição irracional. Quando compõe, o poeta é inspirado, está ‘fora de si’, é ‘invadido’ e, portanto, inconsciente: não sabe dar razão ao que faz nem sabe ensiná-lo a outro” (2007b, p.171). O poeta é caracterizado, assim, como um indivíduo possuidor de uma inspiração divina, e não de conhecimento racional.

TRAVESSIAS ISSN-1982-5935

VOL.10 N.02. 24 ED. 2015

pelos sentidos estão a dois graus de distância do verdadeiro, a poesia épica, conseqüentemente, se encontra a três graus longe da verdade, como ressalta o próprio Platão (2004, p. 326 - 327):

Sócrates – Sobre os assuntos mais importantes e mais belos que Homero decide tratar: as guerras, o comando dos exércitos, a administração das cidades, a educação do homem, talvez seja justo interrogá-lo e dizer-lhe: “Caro Homero, se é verdade que, no que respeita à virtude, não estás afastado no terceiro grau da verdade, artífice da imagem, como definimos o imitador, se te encontras no segundo grau e nunca foste capaz de saber que práticas tornam os homens melhores ou piores, na vida particular e na vida pública, diz-nos qual, entre as cidades, graças a ti, se governou melhor, como, graças a Licurgo, o Lacedmônio, e graças a muitos outros, muitas cidades, grandes e pequenas? Que Estado conhece que foste para ele um bom legislador e um benfeitor? A Itália e a Sicília tiveram Corondas, e nós, Sólon, mas a ti, que Estado pode citar?” Poderia indicar um só que fosse?

Glauco – Não acredito. Os próprios homéricos não dizem nada.

A resposta negativa de Glauco demonstra que nunca houve um governo, ou uma guerra que fosse bem conduzida no tempo de Homero graças aos conselhos do poeta. Segue-se, portanto, que a poesia de Homero jamais deve ser compreendida como estando numa distância de dois graus do verdadeiro, mas sempre a três graus, devido ao fato de Homero não conhecer a verdadeira natureza da virtude, mas apenas a sua cópia:

Sócrates – Tomemos como princípio de todos os poetas, a começar por Homero, são simples imitadores das aparências da virtude e dos outros assuntos de que tratam, mas que não atingem verdade. São semelhantes nisso ao pintor, que desenhará uma aparência de sapateiro sem nada entender de sapataria, para pessoas que, não percebendo mais do que ele, julgam a s coisas segundo a aparência?

Glauco – Sim (PLATÃO, 2004, p. 328).

Este julgamento de Platão torna-se paradigmático: Homero não foi general ou membro do exército para entender de guerras, não foi governante ou político para entender sobre administração do Estado. Do mesmo modo que um pintor não entende nada de marcenaria, mas pinta mesas e cadeiras, encontrando-se a três graus de distância do verdadeiro, enquanto o marceneiro se encontra a dois graus, o mesmo raciocínio vale para Homero e outros poetas - eles

TRAVESSIAS ISSN-1982-5935

VOL.10 N.02. 24 ED. 2015

estão a três graus de distância do verdadeiro por copiarem táticas de guerras e formas de governo conhecidas por guerreiros e políticos, como conclui o filósofo:

Sócrates – Pois bem, leva isto em consideração: o criador de imagens, o imitador, não entende nada da realidade, só conhece a aparência.
Glauco – Certo (PLATÃO, 2004, p. 329).

A partir destes apontamentos, torna-se clara a postura platônica com relação aos poetas: eles falam sem saber e sem conhecer aquilo de que falam. Tendo em vista a concepção filosófica do verdadeiro, como devemos definir a poesia épica manifestada por Homero? Platão nos diz para tratá-la como um mero jogo ou uma brincadeira de criança:

Sócrates – O imitador não tem, portanto, nem ciência nem opinião justa no que diz respeito à beleza e aos defeitos das coisas que imita?
Glauco – Não ao que me parece.
Sócrates – Será então encantador o imitador em poesia, pela sua sapiência dos assuntos tratados!
Glauco – Nem tanto assim.
Sócrates – No entanto, não deixará de imitar, sem saber por que motivo uma coisa é boa ou má, mas deverá fazê-lo daquilo que parece belo à multidão e aos ignorantes.
Glauco – E o que mais poderia ser feito?
Sócrates – Aí estão segundo parece, dois pontos sobre os quais estamos de acordo: em primeiro lugar, o imitador não tem nenhum conhecimento válido do que imita, e a imitação é apenas uma espécie de jogo infantil. Em segundo os que consagram a poesia trágica, quer componham em versos jâmbicos, quer em versos épicos, são imitadores em grau supremo.
Glauco – Com toda a certeza.
Sócrates – Mas, por Zeus! Essa imitação não esta afastada no terceiro grau da verdade?
Glauco – Está (PLATÃO, 2004, p. 330).

A poesia épica é considerada por Platão, por estar a três graus de distância da verdade, como corruptora, sendo assim, exilada, ou até mesmo exterminada do Estado ideal. Nunca é demais salientar que a concepção platônica da poesia épica não tem um valor autônomo, ou seja,

TRAVESSIAS ISSN-1982-5935

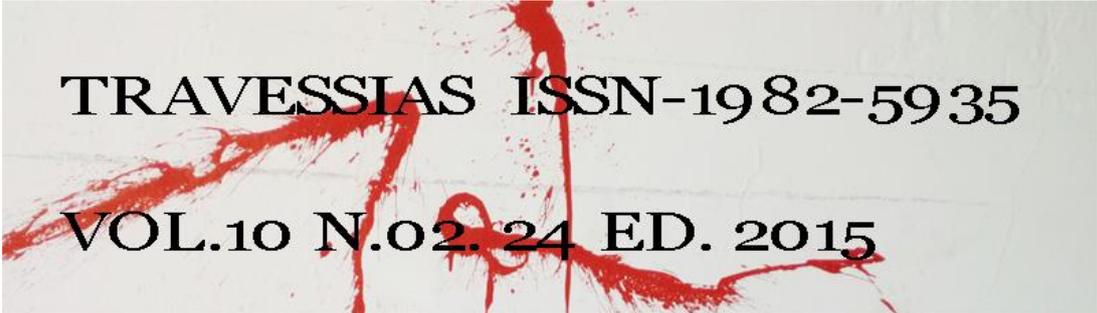
VOL.10 N.02.24 ED. 2015

ela é válida somente na medida em que possa ou saiba colocar-se a serviço da verdade⁵. Isso não significa que o filósofo grego nega à poesia épica a magia e o poder que lhe são peculiares, mas nega qualquer validade de caracterizar esse poder de maneira autônoma. A poesia épica só pode ser concebida quando está associada aos critérios filosóficos e metafísicos do verdadeiro, como nos mostra Reale, ao realçar a arte em geral dentro do pensamento platônico: “Em suma, Platão não negou o poder da arte, mas *negou que a arte devesse valer unicamente por si mesma*: ou a arte serve ao verdadeiro ou serve ao falso e *tertium non datur*”⁶ (REALE, 2007b, p. 174). Portanto, tendo em vista a verdade, a poesia épica só tem lugar no Estado perfeito de Platão quando submetida à filosofia, único saber capaz de alcançar a verdade, e o poeta, assim, deve estar seguindo o caminho estipulado pela dialética do filósofo.

A condenação de Platão da poesia épica é muito parecida com a sua condenação aos sofistas. Em ambos os casos o diagnóstico é o mesmo: se encontram a três graus de distância do verdadeiro. E levando em conta o contexto d’*A República*, na qual é construído filosoficamente um Estado ideal, a educação dos cidadãos acaba ganhando lugar de destaque na obra. Logo, tanto os sofistas como os poetas não terão lugar neste Estado devido o caráter pedagógico: só deve ser ensinado o verdadeiro, e não o falso. Por isso, o filósofo, o único capaz de alcançar a verdade, deve ser o governante, surgindo, deste modo, uma oposição entre filósofo e poeta da mesma maneira que se opõe filósofo e sofista. Deste modo, a poesia épica acaba levando fortes ataques por parte do filósofo grego, sendo censurada, da mesma maneira que a sofística, do Estado ideal construído por ele. Seria o fim da poesia épica, visto que ela foi depreciada com fortes argumentos? Uma coisa é certa, apenas outro grande filósofo poderia resgatar a integridade da poesia épica. Vejamos, a seguir, a interpretação de Aristóteles sobre o tema.

⁵ A poesia épica e a arte em geral, para Platão, não pode ser vinculada nem mesmo com a beleza, ao contrário de alguns comentadores que ao longo da história tentaram associar os dois partindo dos hinos à beleza contida no diálogo *Banquete*. Sobre isso, Reale é enfático: “Na verdade, ao associar o problema da arte ao problema da beleza é *historicamente* pouco correto, ao menos, no contexto platônico. Com efeito, nosso filósofo [Platão] liga a *beleza* não tanto à *arte* quanto ao *eros* e à *erótica* que *têm outro sentido e função*” (REALE, 2007b, p. 173).

⁶ *Tertium non datur*: não há uma terceira via, ou possibilidade. (tradução livre)



TRAVESSIAS ISSN-1982-5935

VOL.10 N.02. 24 ED. 2015

A concepção aristotélica de poesia épica:

Aristóteles, que foi discípulo de Platão, também tem uma concepção de poesia épica fundamentada em sua filosofia que, como veremos, se afasta, em geral, da concepção de seu mestre.

Primeiramente, Aristóteles define as manifestações artísticas como uma das ciências produtivas ou *ciências poéticas*. Essas ciências ensinam a produzir coisas e objetos segundo algumas regras que o filósofo considera precisas. Porém, Aristóteles acentua uma diferença entre o conceito de arte e de outras técnicas que também produzem objetos, através da contraposição entre arte e experiência: a última se define por uma repetição, sobretudo mecânica, e não vai além do conhecimento do *quê*, ou seja, do fato dado, enquanto que a primeira vai além deste puro dado e atinge o conhecimento do *porquê*, ou, ao menos, aproxima-se dele. Assim, a arte, diferente de Platão, além de ser enquadrada como uma ciência, é considerada superior por não ser um mero saber prático como acontece com as ciências técnicas que dependem da experiência e de sua repetição contínua, como comenta Reale: “É clara a razão da inclusão das artes no quadro geral do saber (...), enquanto são um saber, mas um saber que não é um fim para si mesmo, tampouco um saber voltado ao benefício de quem age (como o saber prático), mas voltado ao benefício do objeto produzido” (2007a, p. 176).

Para a filosofia, as *ciências poéticas*, no geral, não a interessam diretamente, com exceção do que Aristóteles denomina de “belas artes”, que se diferenciam das outras artes tanto na sua estrutura, quanto na sua finalidade. Essas “belas artes” são livres de qualquer utilidade pragmática. Elas possuem, como em Platão, a característica da *mimesis*, imitam a própria natureza, e recriam alguns de seus aspectos. Essas “belas artes” serão o objeto de análise na obra *Poética*. E quais artes são essas tratadas na *Poética*? É a poesia, tanto a épica como a trágica. Numa parte que se perdeu da obra o filósofo tratava também da comédia. Para o escopo do presente trabalho, analisaremos somente o conceito de *mimesis* que Aristóteles atribui à poesia épica.

TRAVESSIAS ISSN-1982-5935

VOL.10 N.02.24 ED. 2015

Como vimos em Platão, a poesia épica é *mimesis* por ser uma imitação dos fenômenos captados pelos sentidos, que, por sua vez, são imitações do *eidos*, das “Ideias” imutáveis, de modo que a poesia épica é considerada como cópia da cópia, aparência da aparência, ficando a longínquos três graus de distância do verdadeiro. Aristóteles opõe-se explicitamente à concepção de Platão de *mimesis*. Enquanto o último a concebe como uma reprodução passiva das aparências das coisas, o primeiro a concebe como uma atividade que tem a possibilidade de recriar as coisas segundo uma nova dimensão. Vejamos as palavras de Aristóteles:

Segundo o que foi dito se apreende que o poeta conta, em sua obra, não o que aconteceu e sim as coisas quais poderiam vir a acontecer, e que sejam possíveis tanto na perspectiva de verossimilhança como da necessidade. O historiador e o poeta não se distinguem por escrever em verso ou prosa; casos as obras de Homero fossem postas em metros, não deixaria de ser história; a diferença é que um relata os acontecimentos que de fato sucederam, enquanto o outro fala das coisas que poderiam suceder. E é por esse motivo que a poesia épica contém mais filosofia e circunspeção do que a história; a primeira trata das coisas universais, enquanto a segunda cuida do particular. Entendo que tratar das coisas universais significa atribuir a alguém idéias e atos que, por necessidade ou verossimilhança, a natureza desse alguém exige; a poesia, desse modo, visa ao universal, mesmo quando dá nome a suas personagens. Quanto a relatar o particular, ao contrário, é aquilo que Alcebiades⁷ fez, ou aquilo que fizeram a ele” (2000, p.47).

A partir desta esclarecedora passagem, podemos tirar importantes conclusões: primeiramente, na visão de Aristóteles, a poesia épica não deve ser caracterizada devido à sua forma, ou seja, porque usa versos. Ela poderia não usar versos e ser chamada, sem nenhum problema, de poesia. A principal característica do poeta é a sua capacidade *mimética* ou criadora, e essa imitação ou criação são de ações, e não de versos. Em segundo lugar, a poesia épica não depende de forma alguma da verdade contida no seu objeto. Isso significa dizer que não é a verdade entendida historicamente das ações, ou dos fatos representados que lhe dão o valor de arte: “A arte pode também narrar coisas efetivamente acontecidas, mas só se torna arte se a essas coisas ela acrescenta um *quid* que falta à narração puramente histórica” (REALE, 2007a, p. 178),

⁷ Na época de Aristóteles, o nome Alcebiades se aproxima ao que hoje chamamos de “fulano”.

TRAVESSIAS ISSN-1982-5935

VOL.10 N.02.24 ED. 2015

afirma o teórico italiano. Se a poesia épica não necessita ser em versos para ser poesia, do mesmo modo os fatos históricos submetidos a versos não ganha o estatuto de poesia. No entanto, Aristóteles deixa claro que as histórias narradas por Heródoto pode se transformar em poesia épica, desde que leve em conta o seguinte:

Segue-se então que o poeta deve ser mais criador do que metrificador, uma vez que é poeta porque imita, e por imitar ações. Continua sendo poeta mesmo quando se serve de fatos reais, pois nada impede que alguns fatos, por natureza, sejam verossímeis e possíveis e, por esse motivo, seja o poeta o seu criador (ARISTÓTELES, 2000, p.48).

O que chama atenção na interpretação de Aristóteles é a superioridade que a poesia épica tem sobre a história, principalmente pela maneira de tratar os fatos. Para o filósofo grego, enquanto a história se restringe ao particular, a poesia épica, mesmo tratando de fatos que também podem ser tratados pela história, tem a peculiaridade de transfigurá-los, de elevá-los a um significado mais amplo, universalizando o objeto em questão. Isso acontece devido à capacidade da poesia em tratar os fatos como “verossímeis e possíveis”.

A poesia épica, deste modo, não deve reproduzir verdades empíricas ou verdades lógicas e abstratas. Ela se encontra num patamar superior ao da história exatamente por sua capacidade de separar-se dos fenômenos abstraídos pelos sentidos e pela razão, apresentando fatos e personagens não como são, mas como poderiam ou deveriam ser e, mais que isso, parafraseando Aristóteles, a poesia épica pode também introduzir o irracional e o impossível, e pode até mesmo dizer mentiras, desde que os tornem “verossímeis e possíveis” (ARISTÓTELES, 2000, p.70).

É justamente a capacidade do possível e do verossímil que produz a universalidade da representação contida na poesia épica. Isso significa dizer que a sua aptidão está em conceber os fatos separadamente, mas sem desconexão, formando sempre algo unitário, como em um organismo: cada parte tem seu sentido quando visto na perspectiva do todo. Portanto, o que a história narra é o fato em “carne e osso” de maneira cronológica, enquanto a poesia procura uma conexão com as suas partes partindo das conseqüências, das quais todas as partes são necessárias para a compreensão. Em resumo, enquanto a poesia épica se refere a algo que acontece em

TRAVESSIAS ISSN-1982-5935

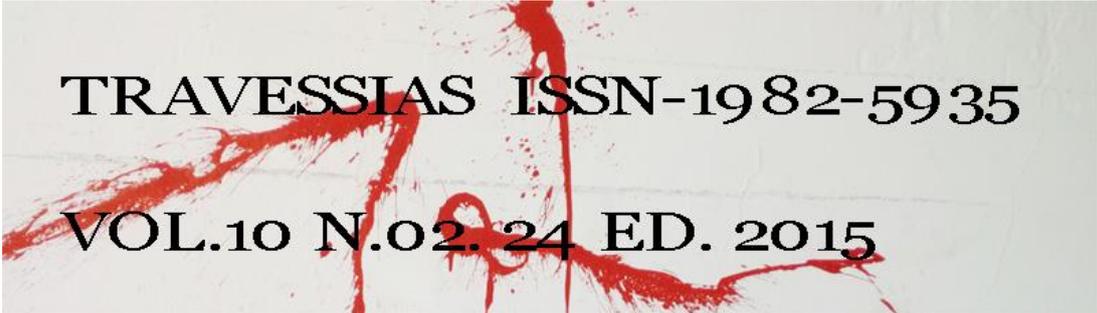
VOL.10 N.02. 24 ED. 2015

conseqüência de alguma coisa, a história se refere a algo que acontece, na concepção de Aristóteles, *depois* de alguma coisa. Assim, a universalidade da poesia, partindo do possível e do verossímil, ganha um lugar de destaque dentro do pensamento aristotélico, pela sua capacidade de imitar os fatos de maneira mais enriquecedora, tornando mais elevada que a história, que seria uma imitação particular que em nada enriquece.

Considerações finais

Compreendendo a concepção de Platão e de Aristóteles sobre a poesia épica, podemos considerar que o conceito chave que está em jogo é o de *mimesis*. Ambos os filósofos concebem a poesia épica a partir deste conceito, aproximando por um momento as duas teorias. Porém, ao analisarmos a maneira pela qual cada pensador concebe o termo, detectamos um abismo entre as duas concepções. A *mimesis* da poesia épica, em Platão, é depreciativa, pois o filósofo sempre busca o verdadeiro, e, como vimos, a arte se encontra a três graus da verdade, é uma cópia de outra cópia, e a poesia épica sempre deve ser julgada a partir da perspectiva metafísica, ou seja, do *eidos*. Vernant (2010, p. 83) afirma: “poder-se-ia dizer, talvez, que a *mimesis* ilusionista daqueles que Platão chama ‘imitadores’ consiste numa simulação das aparências com o fim de enganar os outros”.

Por outro lado, Aristóteles concebe na *mimesis* da poesia épica uma atividade não detectada por Platão, considerando-a com base no possível e no verossímil, e que pode imitar os fatos e torná-los universais e, conseqüentemente, mais ricos. Diferente da história, que particulariza e, assim, só trata daquilo que é, e não daquilo que poderia ser, delegando à imaginação e à criatividade papéis importantes. A *mimesis* da poesia épica, segundo Platão, se opõe a *mimesis* aristotélica. Se em Platão a poesia épica é censurada, em Aristóteles ela recebe um lugar



TRAVESSIAS ISSN-1982-5935

VOL.10 N.02. 24 ED. 2015

de destaque, se aproximando da filosofia, mais do que a história. Essas concepções, divergentes entre si, são fundamentais para a compreensão da poesia épica tanto em sua estrutura como em sua finalidade, fazendo só elevar a sua importância dentro da história da literatura ocidental.

Referências

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Baby Abrão. São Paulo: Nova Cultural, 2000. (Col. Os pensadores).

PLATÃO. *A República*. Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2004. (Col. Os pensadores).

REALE, Giovanni. *Aristóteles*: História da filosofia grega e romana vol. IV. Tradução de Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2007a.

_____. *Platão*: História da filosofia grega e romana vol. III. Tradução de Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2007b.

VERNANT, Jean-Pierre. “O nascimento de imagens”. In: COSTA LIMA, Luiz (org) . *Mimesis e a reflexão contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.